



Diálogo: ferramenta relevante na resolução de conflitos individuais e sociais dos jovens

Dialogue: a relevant tool in resolving individual and social conflicts among young people

Marizete Creuza da Paciencia Rodrigues¹

Submetido: 01/05/2024 Aprovado: 25/05/2024 Publicação: 07/06/2024

RESUMO

O diálogo não se faz necessário apenas nas escolas, mas no meio social o qual o aluno e a família esteja inserido, promovendo o diálogo em casa e com amigos melhora a relação social dos envolvidos no processo. Observa-se que a cultura da tecnologia na sociedade atual promove a escassez do diálogo, hoje já não se é capaz de conversar com colegas, companheiros de trabalhos, alunos, filhos e parentes sem o uso da tecnologia, muitos pais só conseguem conversar com seus filho através das redes sócias ou grupos de bate-papo, prejudicando com a isso o diálogo autentico descrito por Freire, aquele que provoca a interação dos indivíduos relacionados nesta dinâmica. Tendo como objetivo buscar compreender se o diálogo é meio eficaz de resolução de conflitos individual e social dos jovens. E utilizando a revisão da literatura para a construção da pesquisa. Utilizando o diálogo o gestor busca diminuir os índices de violência nas cidades, nas escolas. Freire já falava que o dialogo é uma prática que promove o encontro dos homens, que vem da necessidade de descobrimento existencial dos homens caracterizado como um dos elementos na busca pela transformação do próprio mundo, em práticas que envolvam ações e reflexões, ou seja, não é o silencio que constrói os homens, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Palavras-chave: Diálogo. Resolução de conflito. Gestão democrática

ABSTRACT

Dialogue is not only necessary in schools, but also in the social environment in which students and their families live. Promoting dialogue at home and with friends improves the social relationships of those involved in the process. It can be seen that the culture of technology in today's society promotes the scarcity of dialog. Today, it is no longer possible to talk to colleagues, workmates, students, children and relatives without the use of technology. Many parents are only able to talk to their children through social networks or chat groups, thus undermining the authentic dialog described by Freire, which provokes the interaction of the individuals involved in this dynamic. The aim of this study was to understand whether dialog is an effective means of resolving individual and social conflicts among young people. And using the literature review to construct the research. Using dialog, managers seek to reduce the rates of violence in cities and schools. Freire already said that dialogue is a practice that promotes the meeting of men, which comes from the need for the existential discovery of men characterized as one of the elements in the search for the transformation of the world itself, in practices that involve actions and reflections, that is, it is not silence that builds men, but in the word, in work, in action-reflection.

Keywords: Dialogue. Conflict resolution. Democratic management

¹ Mestre em Educação para a Saúde pelo Intituto Politécnico de Viceu. Professora de Língua Portuguesa.
pacienciamarizete@gmail.com

1. Introdução

Enquanto profissional na função de educador pode observar que o diálogo se faz importante e é benéfico para a relação social na escola. A falta ou a presença do diálogo implica, respectivamente, consequências boas ou ruins para a interação social.

Tendo como objeto da pesquisa o diálogo, não aquele de corredor da escola ou na hora do cafezinho, mas aquele que consegue adentrar a alma perante os olhos sinceros e a disponibilidade de ouvir sem julgar. Como diz Gomes (2016) é o diálogo do respeito, da aproximação, do entendimento de que as relações interpessoais se processam em camadas mais profundas, naquelas através das quais são perceptíveis as angústias, os sonhos, os medos, os desejos e, principalmente, as necessidades.

Neste diálogo os envolvidos são capazes de eliminar os ruídos e entrarem em sintonia no processo de comunicação em busca de soluções para os conflitos. Estes é que muitas vezes encontram-se ausentes nas salas de aulas, quando pede-se o silêncio do aluno e o inibir de falar ou interagir, pois precisa-se concluir o conteúdo e fugindo da compreensão de cada individualidade presente na escola, na sala de aula, anulando vozes que necessitam serem ouvidas e interpretadas e que leva muitas vezes a desenvolver e transformar a capacidade do aprendiz do aluno.

Para Freire (1987 apud GOMES, 2016) o diálogo não é aquele que ocorre na educação bancária, ou ainda por meio de relacionamentos virtuais, diálogo seria o que ocorre no relacionamento real, ou seja, no compromisso assumido pelos indivíduos da relação que venham a possibilitar um melhor convívio no atual cenário das relações sociais, sendo atribuído ao educador ensinar e exigir disponibilidade ao diálogo.

O diálogo não se faz necessário apenas nas escolas, mas no meio social o qual o aluno e a família esteja inserido, promovendo o diálogo em casa e com amigos melhora a relação social dos envolvidos no processo. Desde Rousseau e outros filósofos do comportamento social que preocupa-se fundamentalmente com a questão do diálogo com os membros da juventudes (VASCONCELOS, 2014).

A juventude atual, heterogênea e dinâmica, vivencia crises e contradições, que por outro lado os levam a apreciar e querer vivenciar o diálogo como meio de inter-relaciona-se com os membros da sociedade o qual estão inseridos. E é neste contexto que segundo Vasconcelos (2014) os jovens evidenciam expectativas de melhora na busca de educação de qualidade, ao trabalho, à cultura e o lazer que gerem espaços para que estes tenham a oportunidade de dialogar e desenvolver a capacidade de aprendiz de forma justa e digna.

A cultura da tecnologia na sociedade atual promove a escassez do diálogo, hoje já não se é

capaz de conversar com colegas, companheiros de trabalhos, alunos, filhos e parentes sem o uso da tecnologia, muitos pais só conseguem conversar com seus filho através das redes sócias ou grupos de bate-papo, prejudicando com a isso o diálogo autentico descrito por Freire, aquele que provoca a interação dos indivíduos relacionados nesta dinâmica (GOMES, 2016).

Com esse sentido que a pesquisa utiliza-se da revisão de literatura na compreensão da resolução de conflitos individuais e sociais dos jovens utilizando-se do diálogo. Surgindo a seguinte problemática: o diálogo é o meio mais eficaz de resolução de conflitos individual e social dos jovens?

A pesquisa justifica-se na busca da veracidade do questionamento apresentado como também ampliar o conhecimento do pesquisador sobre o tema proposto. Tendo assim, como objetivo buscar compreender se o diálogo é meio eficaz de resolução de conflitos individual e social dos jovens.

2. Compreendendo o diálogo

Por definição etimológica, diálogo, substantivo masculino, é uma palavra que tem origem no latim *dialogus*, cujos significados se traduzem no ato de conversação entre duas pessoas; por extensão a conversação entre várias pessoas. Também abarca o conceito de discussão ou negociação entre duas ou mais partes, geralmente com vistas a um acordo. Tomando como referências as raízes gregas “*dia*” e “*logos*” que, juntas apontam que diálogo denota “por meio do significado” (GERARD; TEURFS, 2010).

O Dicionário Aurélio Século XXI, a palavra “diálogo”, que por definição significa “a troca ou discussão de ideias, opiniões e conceitos com vistas à solução de problemas e à busca de entendimento entre as pessoas”. Já para o Dicionário da Língua Portuguesa (2010), diálogo também pode se referir a uma obra literária em forma de conversação que um autor faz ter às personagens que apresenta ou ainda, pode tratar-se de uma composição em que as vozes ou os instrumentos se alternam ou se respondem.

Apenas o homem é capaz de utilizar o diálogo para expressa seus sentimentos e desejos, para dirigir-se ao outro com objetivo de promover a comunicação, de entender o pensamento e assim buscar a verdade nesse processo, já que a partir do diálogo somos capazes de expressa sentimentos (BENTO, 2000).

Ainda segundo Bento (2000) filósofos, como Sócrates e Platão, colocavam que o diálogo se constituía em uma prática que, através das relações interpessoais, fazendo uso de perguntas e respostas, tinha por propósito a busca da verdade. Platão também acreditava que o pensamento era o diálogo da alma consigo mesma e o diálogo, ao estabelecer uma conexão entre o que era opinião e o que era verdade.

Como descreve Shor; Freire (1987, p. 14):

Na medida em que, enquanto falamos, somos leitor um do outro, leitores de nossas próprias falas, o que ocorre aqui é que cada um de nós é estimulado a pensar e a repensar o pensamento do outro. Assim, creio que nisto repousa a dimensão fundamental da riqueza de um intercâmbio como este. Essa possibilidade comum de nos lermos antes de escrever talvez melhore o que escrevemos, porque nessa interação podemos nos transformar no momento mesmo do diálogo. Em última análise, dialogar não é só dizer ‘Bom dia, como vai?’ O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual.

Os autores na citação colocam a necessidade de no mínimo duas pessoas para que o diálogo possa transcorrer e acontecer de forma a elucidar questionamentos que venham a aflorar no consciente. Visto desta forma o diálogo trazido nas obras de Sócrates e Platão, especial na obra do segundo, este seria o pensamento da alma consigo mesma, neste contexto de Platão o diálogo poderia existir individualmente, quando o sujeito consegue entender as suas próprias opiniões e relaciona-las com as demais (GOMES, 2016).

O que compreende é que o diálogo é uma prática que quando processada, caracteriza o sujeito não apenas como reprodutor da mensagem, mas como ele expressa o pensamentos do outro participante e como isto era transformar seu pensando. Levando a pensar no diálogo como instrumento que transforma conceitos e pensamentos pré-existente no ser humano.

2.1. O diálogo como instrumento de transformação

A Declaração da Organização das Nações Unidas-ONU, em seu art 1º traz que “Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados em três princípios: a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação (...)”.

Na esfera educacional brasileira, a Constituição Federal do Brasil (1988), no artigo 206, ao situar os “princípios do ensino”, abarca, entre eles, no Inciso VI, a “gestão democrática do ensino público”, premissa que posteriormente foi normatizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Dentre os princípios democráticos, estavam compreendidos, entre outros, o exercício do diálogo, com a abertura de espaços para vozes de todos os pertencentes ao processo.

Partindo da premissa que tanto a ONU quanto a Constituição brasileira educacional relatam que o diálogo se faz necessário na diminuição ou até extinção da violência, Gadotti (2014) relata que a promoção do diálogo entre a comunidade escolar e os gestores escolares são importantes para garantir a permanência do aluno na escola, retirando-os do meio social violento e os enquadrando no ambiente formador de opiniões e propulsor de qualidade de vida para a juventude e vida adulta.

Para Ellinor e Gerad (1998) o diálogo é o exercício de conversação que transforma a partir do compartilhamento de significados que visam a uma construção coletiva. Há que se observar, no entanto, que a rigidez dos organogramas só vem a emperrar a fluidez das

conversações.

As sessões de escutas e o estreitamento dos canais de comunicação, com a retirada das barreiras entre comandantes e comandados, chefes e subordinados, com a valorização das vozes e falas de todos os pertencentes à organização educativa tem se constituído como diferencial qualitativo em instituições que adotaram a prática do diálogo em suas ações.

Em consonância com a visão acima, ao analisar as consequências do diálogo nos espaços corporativos, Senge (1990) aponta que o diálogo, traduzido na forma de linguagem compartilhada se torna natural para as pessoas, desse modo, elas pensam de uma forma não convencional e conseqüentemente compreendem e agem de modo inovador, eficaz e criativo. Além de demonstrar a qualidade de vida, os relacionamentos e compor parte significativa da imagem da instituição perante a sociedade, o diálogo também autentica um espaço que instiga a participação, a vontade de pertencer, fazendo com que cada um dos integrantes se constitua como atuante no desenvolvimento da instituição a que pertence.

Mesmo com a informação acima, percebe-se que a Lei de Diretrizes e Bases Nacional - LDB, apenas cita o diálogo no seu artigo 1º. O que se sabe e é relatado por alguns educadores é que quando a escola assume a sua condição de protagonista no processo de prática e estímulo do diálogo, não somente recupera os pressupostos de gestão democrática, como também possibilita a ressignificação dos seus processos pedagógicos e, conseqüentemente, a efetivação da Dialogicidade passa a se constituir como fundamental nos processos educativos (FREIRE, 2006; GADOTTI, 2001; LIBÂNEO, 2001; PARO, 2004; FERREIRA, 2004). Para estes autores, como sugerido nos tópicos que seguem, também se encontra no diálogo a estratégia da construção social e a conseqüente possibilidade da transformação.

2.2. O diálogo segundo Paulo Freire

Paulo Freire (2006) estabelece que o diálogo é uma prática que promove o encontro dos homens, que vem da necessidade de descobrimento existencial dos homens caracterizado como um dos elementos na busca pela transformação do próprio mundo, em práticas que envolvam ações e reflexões, ou seja, não é o silêncio que constrói os homens, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Ao compreender o diálogo como uma exigência para a própria existência do homem, como uma prática social que objetiva a transformação de uma realidade, o diálogo, por outro lado, não pode ser percebido como um exercício onde um sujeito atua depositando ideias no outro. Também, não pode ser entendido como simples troca de ideias, “que serão passivamente consumidas pelos participantes do diálogo” (FREIRE, 2005, p. 81).

Há, nesse pensar, a presença do respeito pelo outro e da valorização de suas potencialidades individuais. Entretanto, o diálogo proposto por Freire inclui ainda uma série de

outros valores e princípios, como por exemplo: um amor profundo conferido ao mundo e aos homens, além do exercício da humildade, traduzida na capacidade de compreender que, sendo o diálogo um encontro de saberes, “neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 2005, p. 93).

A credibilidade depositada no outro também é uma característica que Freire defendia como essencial para que os homens pudessem superar os desafios das lutas constantes. Nesse pensar, cujo propósito era a defesa de que o homem possui vocação para ser mais. Freire (2006) também enfatizava a necessidade de que o diálogo, obrigatoriamente, necessitaria envolver uma forma de pensamento mais crítico e reflexivo, em oposição aos simples pensar, ingênuo e sem a percepção da realidade e a forma com a qual se processa na construção da própria história.

E construir ou modificar a própria história, muitas vezes representa formas de superação. Assim, como maneiras de transpor os obstáculos, Freire sinaliza para que haja uma junção entre povos e visão de mundo e, através do diálogo, a proposição de problematizações que levem as pessoas à compreensão das coerências presentes entre a situação existencial e a situação histórica. Essa característica da problematização, presente na ação dialógica, portanto, acaba por se configurar também como um valioso recurso pedagógico, uma vez que, ao problematizar, o homem promove uma reflexão sobre um conteúdo, uma situação ou um problema que, por sua vez, originou-se de um conteúdo, situação ou problema anterior, ocasionado por ele mesmo ou por terceiros. Por conta dos resultados obtidos nesse exercício de reflexão, tem-se, então, a oportunidade de “propor melhorias e agir de forma melhor com o mundo e com os demais membros de sua sociedade” (FREIRE, 2006, p 83).

Freire (1987) defendia a ideia do diálogo como instrumento de transformação, ao ponto de se constituir como uma das principais referências teóricas sobre o tema em todo o mundo. Apontava que, dentro das salas de aula, como instrumento pedagógico, o diálogo se constituía como prática para uma educação problematizadora², capaz de romper com modelos verticais característicos da educação bancária³, além de promover a superação da contradição existente entre o educador - suposta autoridade - e o educando, com ambos sendo “agentes do processo educacional, ensinando e aprendendo juntos” (FREIRE, 1987, p. 39). No contexto dessa reflexão, o diálogo deve se processar levando em consideração todos os segmentos sociais, sendo que os contextos sociais, político, econômico e cultural dos educandos também precisam ser apreciados e ponderados, principalmente quando são discutidos os conteúdos programáticos que deverão

² Começa por superar a contradição educador-educando, e assume uma postura dialógica como fundamento e condicionante da cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes em torno do mesmo objeto cognoscível (possa se conhecer) (FREIRE, 1987).

³ A educação bancária organiza-se centrada no saber do educador que transmite (transfere) ao educando o conhecimento já estabelecido e, muitas vezes, desvinculado de sua vida. Cumpre ao educando, assimilar e memorizar o conteúdo para reproduzi-lo de forma similar no momento da avaliação (FREIRE, 1987).

ser abordados e estudados por essa comunidade, fomentando uma relação horizontal com sentidos verdadeiros (FREIRE, 2006).

Observa-se que por intermédio do diálogo materializado na palavra pensada, motivadora da ação e da reflexão, é possível alcançar ações transformadoras. Na escola, por exemplo, além de propiciar o relacionamento interpessoal, intrapessoal, o profissionalismo interativo e a colaboração, a prática do diálogo aberto com todos contribui para que os gestores, juntamente com os demais educadores, funcionários e todas as instâncias colegiadas trabalhem em sintonia.

Foi no livro “pedagogia do oprimido” que Freire defendeu a ideia de valorização do diálogo visando às transformações e correções de cursos históricos e sociais, caracterizados pela presença do conflito sobre vários aspectos, especialmente entre o educador e o público juvenil. Nesse contexto relacional é possível perceber que o diálogo produz adultos críticos e capazes de se desenvolver perante as dificuldades, ou seja, o diálogo leva o adolescente a reflexão do que seria importante para desenvolver a aprendizagem.

2.3. Reflexões sobre o diálogo, sua prática e dimensões

A reflexão sobre o diálogo na concepção de Freire (1987) vem da ideia da exigência da escuta como condição para que a vivência dialógica se efetive. Além da escuta atenta do outro, outra condição que destacamos para que o diálogo ocorra é a convicção sobre a vocação para ser mais, inerente ao ser humano (vocação ontológica), que se faz mais humano a partir do exercício da reflexão, de uma ação consciente individual e coletiva.

É a partir da educação problematizadora que fica em evidência o diálogo como descrito por Freire (1987) “gerando a educação com o educador que respeita e busca conhecer o possível saber ingênuo do educando para, com ele, incitar sua curiosidade epistemológica, relendo o mundo com os educandos e co-construindo com eles o conhecimento elaborado”.

Alves (2014) coloca que é importante que o educador respeite o saber do educando, advindo do ambiente social o qual o mesmo encontra-se inserido, pois este vem “cheio” de conceitos e fundamentos que o ajudará a desenvolver a aprendizagem. Para Freire (1987 apud Alves, 2014, p.14) esse conhecimento trazido pelo educando seria descrito como a “leitura de mundo” conhecimento não encontrado nos livros didáticos e muitas vezes nem na formação acadêmica do professor.

Ainda segundo Alves (2014) o diálogo na escola só se faz possível e eficiente se entre educador e educando a linguagem não se encontrar fundamentada na realidade social em que ambos estejam inseridos.

A efetivação do diálogo na escola depende na capacidade dos gestores entenderem a necessidade da comunidade escolar. Apontado como o caminho fácil a ser percorrido para entendimento e desenvolvimento natural da aprendizagem escolar pode vir a ser um caminho

sinuoso com obstáculos, que para conquistar o objetivo depende da capacidade de negociação e articulação do gestor. Pensando nesses obstáculos edita-se em 2014, pelo Conselho Nacional do Ministério Público um guia para educadores poderem promover a mediação de conflitos nas escolas através do diálogo (GOMES, 2016).

2.3.1. O documento Diálogos e Mediação de Conflitos nas Escolas: Guia Prático para Educadores

Tendo o método educacional fornecedor de diálogo com o melhor meio de mediar conflitos entre os adolescentes e até mesmo entre os adultos e pensando nos conflitos jurídicos já resolvidos pelo método da mediação o CNMP, como já descrito edita um guia para educadores que em conjunto com o atual modelo de gestão escolar possa a diminuir os obstáculos encontrados entre escola e comunidade a partir do diálogo. Através da Gestão democrática é possível ouvir e falar com pais, professores, técnicos administrativos e até os alunos de forma que todos entendam e interajam.

A gestão democrática é um princípio da educação, sendo que a mesma é favorecedora do diálogo. A gestão democrática, necessariamente precisa ser entendida também como sendo uma atuação política e, como tal, suas características e particularidades devem ser averiguadas. Quanto ao diálogo, além de toda cadeia complexa para a compreensão de sua prática e aplicabilidade no tema da gestão, também precisa ser analisado do ponto de vista da dinâmica das relações interpessoais (ALVES, 2014).

O guia prático trazido a escola pelo CNMP, especialmente para os educadores com o objetivo de promover o diálogo nas escolas, tendo como nome “Diálogos e Mediação de Conflitos nas Escolas: Guia Prático para Educadores”, neste momento torna o diálogo a principal técnica utilizada nas escolas, pelos gestores para desenvolver a capacidade empreendedoras dos alunos (CNMP, 2014, p.11).

Também, há uma presença constante do diálogo nas ações propostas pelo Conselho Nacional do Ministério Público, ora como “hábito para a resolução consensual de conflitos, a partir dos próprios envolvidos”, ora como atividades que auxiliam professores na compreensão das “linguagens juvenis, criando um canal de diálogo e intercâmbio de experiências” (CNMP, 2014, p 13).

Ora entendendo o diálogo como práticas restaurativas, a partir do “perguntar restaurativo”, dos “círculos da paz e do diálogo”, ou então atrelando-o à condição de “cultura de respeito mútuo”(CNMP, 2014, p 13).

Adotando a premissa de que todas as formas pacíficas de solução de problemas e conflitos precisam necessariamente do diálogo, o documento do Conselho Nacional do Ministério Público sugere um capítulo no guia para a “construção de um bom diálogo” (CNMP, 2014, p 23).

Diante da edição deste guia percebe-se a importância do diálogo para a construção da gestão democrática. O diálogo não deve ocorrer apenas na sala de aula ou no ambiente escola, mas na comunidade o qual a escola esteja inserida, pois é esta comunidade que encontra-se obstáculos para o desenvolvimento do aprendizado do aluno.

Ao pensar em ações e soluções ligadas às resoluções de conflitos nas escolas, Francisco e Libório (2015, p. 22) ressaltam a necessidade de que as abordagens se processem em camadas mais profundas, abordando “questões mais estruturais ligadas à produção do fenômeno”. Esse argumento sinaliza que, ao pensar na base do problema, envolvidos diretamente nessa reflexão, os estudantes e a comunidade escolar podem compreender “que as suas posturas refletem a realidade, a partir de determinadas condições objetivas de vida”

3. Conclusões

Como descrito o diálogo é capaz de proporcionar mudanças no desenvolvido social e cognitivo do ser humano. A partir do diálogo o educador e o educando conseguem ampliar o conhecimento do mundo que os rodeiam e assim promover a resolução de conflitos existentes de forma a melhorar o ambiente escolar.

É fazendo uso do diálogo que o gestor educacional consegue estabelecer a gestão democrática na escola, como visto uma gestão onde toda a comunidade escolar e social encontrem-se inseridas e aptas a opinar com objetivo de buscar o melhor para o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos, retirando-os do grupo até então conhecido no âmbito social como os “marginalizados”, ou seja, os que se encontram a margem da sociedade e que não conseguem, muitas vezes se tornar um adulto.

Utilizando o diálogo o gestor busca diminuir os índices de violência nas cidades, nas escolas. Freire já falava que o diálogo é uma prática que promove o encontro dos homens, que vem da necessidade de descobrimento existencial dos homens caracterizado como um dos elementos na busca pela transformação do próprio mundo, em práticas que envolvam ações e reflexões, ou seja, não é o silêncio que constrói os homens, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Referências

ALVES, V N. **A dimensão dialógica e a prática educativa: Reflexões a partir de Paulo Freire e Humberto Maturana**. 2014, 59fl. Ciências Biológicas. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. 2014.

BENTO, A. **A retórica entre a política e a filosofia da amizade entre Sócrates e Aristóteles segundo Platão**. 2000.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Diálogo e Mediação de Conflitos nas**

Escolas. Guia prático para Educadores. Brasília. Conselho Nacional do Ministério Público, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Organização de Alexandre Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ELLINOR, L.; GERARD, G. **Diálogo:** Redescobrimo o Poder Transformador da Conversa. São Paulo: Futura, 1998.

FERREIRA, N. S. C. Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na “cultura globalizada”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1227- 1249, set./dez. 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis.** São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, M. **Gestão democrática com participação popular no planejamento e na organização da educação nacional.** Brasília: Ministério da Educação, 2014.

GERARD G.; TEURFS, L. **Diálogo e transformação organizacional,** Tradução: Júlio Tôrres. 2010.

GOMES, A. **A gestão democrática e o diálogo na proposta do Ministério Público para a mediação de conflitos nas escolas.** 2016, 114fl. Educação. Dissertação do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista, 2016.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão na Escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.